

CONFIDENCIAS D'UM JUIZ...

Os Crimes
da
Formiga
Branca

A morte do
1.º SARGENTO PEREIRA
da Rua Victor Cordon

1.ª Edição

PREÇO 50 RÉIS



OTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

3.34

RI

PAPELARIA E TIPOGRAFIA LIBERTY

LAMAS & FRANKLIN

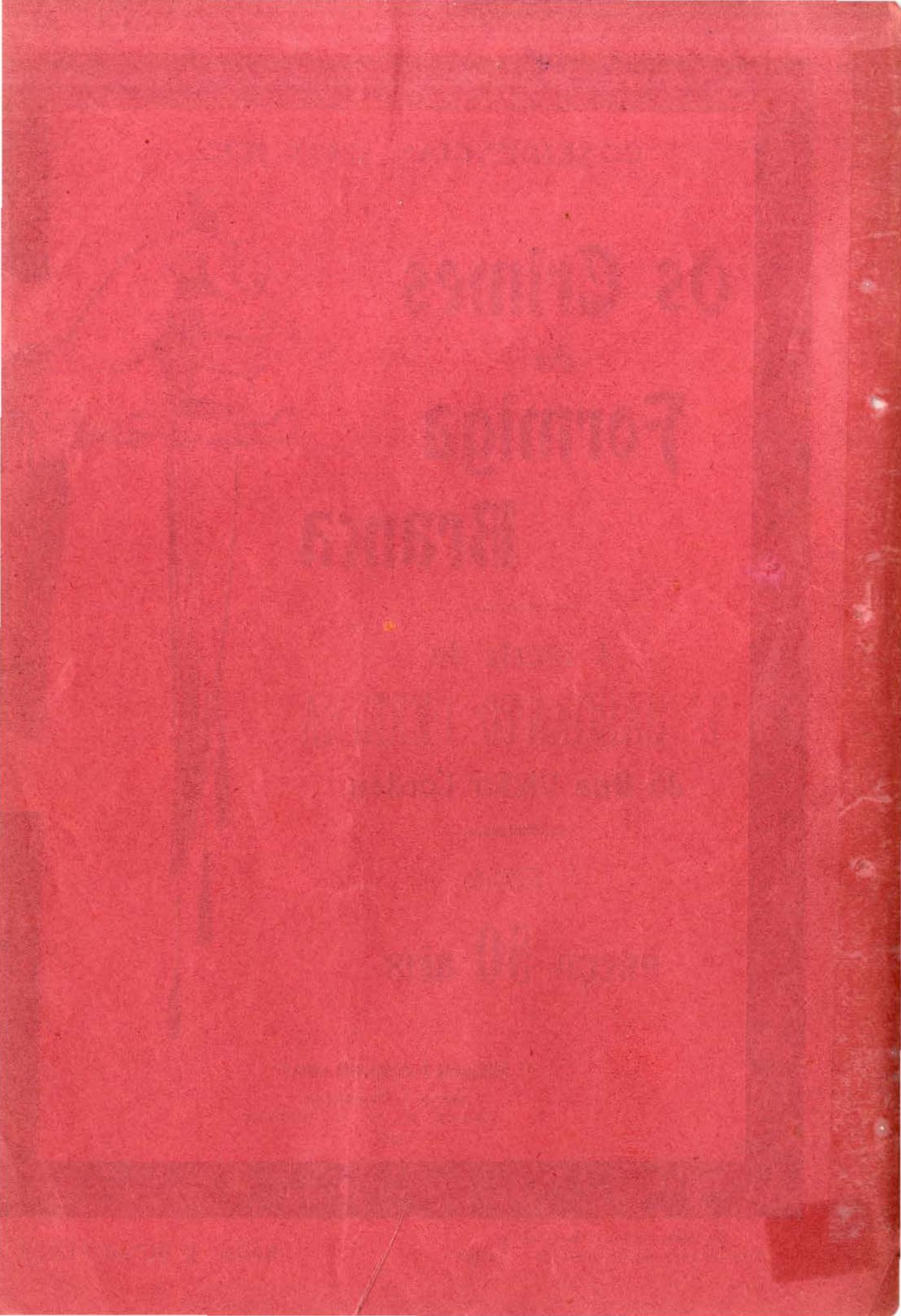
R. LIVRAMENTO, 88, 90 — LISBOA

1915

3918

Pedidos a Lamas & Franklin
Rua do Livramento, 88 e 90 — Lisboa

Editor, J. DIOGO PERES



3918
M

OS CRIMES

DA

FORMIGA BRANCA

*Confidencias veridicas e sensacionaes
d'um Juiz de Investigaçãõ*



INV509552

Publicação semanal em
folhetos de 16 paginas.

1915
LAMAS & FRANKLIN, SUC.
Rua do Livramento, 88 e 90
LISBOA

Editor, J. DIOGO PERES

343.34
CBI

REVISTA A DOBRO PERRO
LITOGRAFIA - 2010

OS CRIMES

DA

FORMIGA BRANCA

Conteúdo: histórias e sensações
em um dia de investigação

Trabalho desenvolvido em
colaboração com a polícia

Editor: A DOBRO PERRO



1.º sargento Pereira

A MORTE

DO

1.º SARGENTO PEREIRA

Cêrca das seis da tarde d'esse dia de verão, seguia o agente Rapoza pelo Chiado, farejando uns e outros pois lhe constára que a *formiga* qualquer cousa pre-

parava de anormal, quando a meio da rua se encontrou com um seu amigo intimo da policia, o agente Tava, que como ele se interessava pelos manejos da celebre associação.

— Ha alguma novidade? interrogou o Rapoza, cofiando as guias pastosas do seu bigode alourado.

— Creio que sim e d'arromba. Imagina que, quando ha pouco passava pela rua de Victor Cordon, deparei com um *pardal* lá da tropa, em colloquio animado com o mercieiro Sousa Pereira. A presença



Sousa Pereira

do gajo ali deu-me que pensar e entrei na mercearia onde pedi uma caixa de fosforos.

— E quem era esse tal tropa? — interrogou curiosamente o Rapoza.

— Um certo tenente Carrilho que é um formigão dos mais façanhudos. A presença pois do gajo na loja do Sousa, surpreendeu-me, e vaes vêr, meu velho, que não tive que arrepende-me da minha idéia.

— Conta... conta...

— Quando entrei, dizia o tenente ao sargento em tom de censura: — Dizem que você é um grande thalassa e que apregôa p'rá'hi, que lhe repugna servir a Republica e ia pedir a sua demissão. — O sargento, irritado ficou perplexo respondendo-lhe: — que isso era uma falsidade e ninguem o poderia afirmar.

Então o tenente para autenticar as suas palavras, foi á porta e chamou um tal Constant galego, guarda portão d'um predio do lado.

— Não é verdade você ter ouvido dizer aqui a este senhor, que ele não queria servir a Republica pois lhe repugnava toda a canalha republicana?

O galego que se aproximára com ar sorna torcendo o bonet de pala entre os dèdos sujos, acudiu precipitadamente fixando o chão.

— Eu cá não ouvi bem o que o senhor sargento disse, foram os cocheiros ali do lado que m'o contaram, eu o que disse, é que elle andava muito bem vestido e gastava dinheiro demais para quem não trabalhava, isto porém é lá com ele e se os talassas lh'o dão é porque assim o querem.

O sargento furioso quiz atirar-se ao galego, mas o Carrilho meteu-se entre os dois e levou o Constant

comsigo para a rua onde o deixou a resmungar, dirigindo-se para os lados do Corpo Santo.

— Então vocês já viram um malandro d'esta especie, gritava o Sousa furioso.

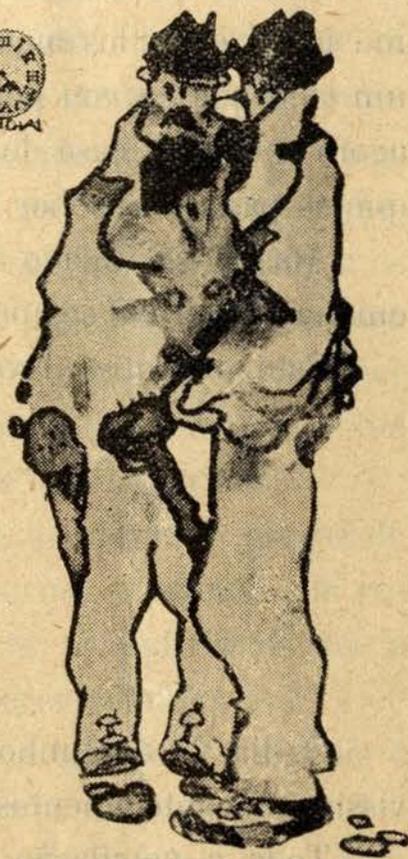
N'esse momento o sargento gritava da porta para o galego :

— Perdêste o tempo meu pulha, lembra-te do que tu és meu canalha, um alcoviteiro de meretrizes, um frequentador do Limoeiro e um covarde, ao passo que eu tenho trinta anos de serviço militar sem um castigo sequer, entendes meu safado?

O Constant, corrido, entrou para a sua porta, d'entre a qual lhe bradou ainda.

— Não faz mal! Não faz mal! se por agora falhou não falhará p'ra outra vez... espera-lhe pela pancada, espera.

O Sousa contou-me então que já varias vezes o tinham tambem ameaçado, inventando que ele tinha debaixo da loja um subterraneo onde guardava bombas e espingardas, e uma porta secreta pelo lado de traz por onde de noite entravam os jesuitas e os talassas que com ele vinham conspirar, e que apesar d'ele dizer que: a politica só



era boa para os grandes e para os ambiciosos, e que aos pequenos só dava agonias e nenhum interesse, e portanto não conspirava, apesar de ser monarquico, nem por isso deixavam de chover sobre ele as ameaças, ameaçando-o até de lhe fazerem ir pelos ares, a dinamite, a propria loja.

O Rapoza cofiava o bigode, coçava a cabeça, resmungando: — E' grave! é grave! e uma noite d'estas a purria da formiga liquida os dois, vaes vêr.

Fizéste bem em me contar estes factos para eu me pôr á coca dos manejos dos gajos. Observa tu por um lado que eu vou por outro e adeusinho, pois corro agora mesmo a casa do Doutor para o pôr ao facto do que se passa e receber ordens.

Afastou-se Chiado acima em direcção a S. Roque enquanto o Tava seguia para o Rocio.

Este encontro dava-se na tarde de 28 de Maio.

* * *

O dia 21 de Junho de 1912 foi marcado por gravissimos acontecimentos.

Toda a população da capital permaneceu em sobresalto e as ruas ao cahir da noite achavam-se quasi desertas.

A grève dos electricos que a começo fôra d'aspecto pacifico, tomára então gravissimas proporções.

Houvera cargas da guarda contra os populares, em Alcantara e no Rocio e algumas bombas estalando com ruido sinistro, haviam semeado o terror e dilacerado carnes. N'essa época de perturbação, em que as ambições desmedidas dos chefes de partido inspiravam conspirações, odios, esfacelando a republica e afugentando os sinceros que começavam a amaldiçoar a sua obra, a segurança individual tornara-se um mytho e as auctoridades apenas obedeciam áqueles que melhor poderiam servir os seus avidos interesses de tubarões.

Affonso Costa ambicioso audaz, despota e cruel por temperamento, espalhára os seus agentes pelos bairros da cidade conquistando adeptos nas mais baixas camadas sociáis os quáis, sob o astucioso *leight-motiv* de se achar a republica em perigo, atrahiam os incautos para um golpe d'estado por ele preparado para não só se assenhorear do paiz como para se desfazer d'alguns homens de prestigio que poderiam barrar-lhe os seus projectos criminosos de arrivista vilão.

Travar-se-ia naturalmente, nas ruas e praças de Lisboa, uma luta fratricida e cruel, e no meio da refrega, facilmente se liquidariam os individuos que a sua ferocidade tivesse votado ao exterminio.

Que lhe importava o sangue vertido, o incendio e as lagrimas, se ele triunfava, seria ditador e depois rei. Possuia-o uma ridicula ambição de dominio e de grandeza. Era o que patologicamente se denomina — um melogamo.

Foi pois por essa época que se inauguraram as celebres sessões secretas da rua da Procissão promo-

vidas pelos seus logares tenentes em taes assumptos, o coronel Correia Barreto, capitão Pope, deputado Alegre e o artilheiro Pala.

A esse tempo, já o famoso Ligorio, Afonso VII, dominava tudo. Pertencia-lhe a formiga, que começava a organizar-se, pertencia-lhe o governo civil e até os juizes de investigação, como ainda hoje continuam manequins a quem maneja a seu gosto.

Com o seu jacobinismo, e a demagogia vomitada pelos redatores de «O Mundo» e do «Seculo», ganhavam as classes baixas que no Ligorio víam o idolo unico creado pelas suas fantasias de facinoras!

—A mim ninguem me mata, não tenho mêdo — exclamava ele por entre o seu sorriso falso — pois os unicos capazes de me executarem são presentemente aqueles que mais me festejam e aclamam!

Miravam-o extasiados os cúmplices servis — o Germano Martins, os França Borges, os Rodrigues e o Derouet; apenas o Ribeira Brava sabia conservar um certo ar independente de chefe cahido mas que espera reviver um dia.

Começava pois o reinado da canalha, o bródio dos ambiciosos que iam deshonrando a republica, pelos seus crimes e cobardias.

N'essa tarde, foi o Adriano Pereira jantar como tinha por habito com o seu amigo Sousa da mercearia, e como este andasse alarmado com os sucessos do dia e temesse pela vida do amigo, pediu-lhe para não ir á Baixa, como ele pretendia, logo apóz a refeição.

— Não tenhas mêdo, compadre, pois eu já estou velho para entrar em danças.

O Sousa ainda instou para que ficasse em casa, mas o sargento, teimoso, abalou em direcção á Baixa.

Não tardou porém em regressar, visto cerca das 9 já estar de volta.

O amigo extranhou-o. Pareceu-lhe afflicto e preocupado, falando precipitadamente por entre gestos nervosos.

— Porque não mandas fechar os taipaes da loja — perguntou-lhe ele bruscamente — e a porta?

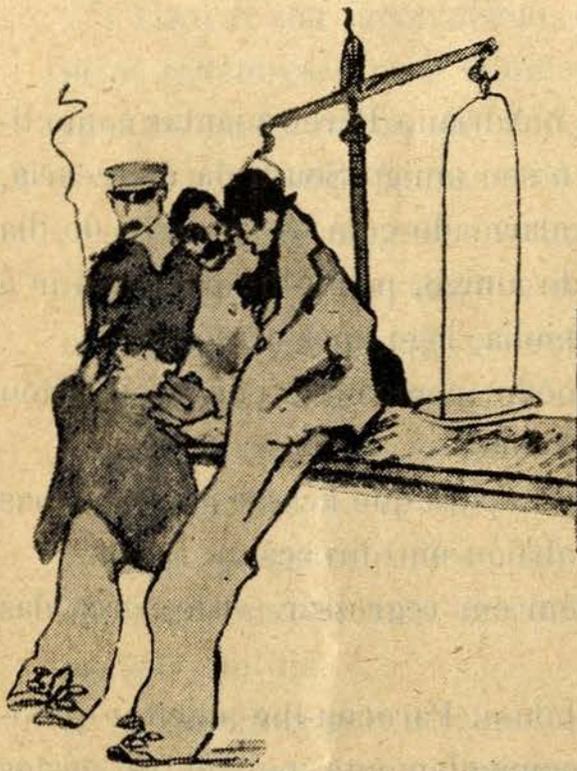
— Mas . . . porque é ainda bastante cedo, bem sabes! — retorquiou-lhe o Sousa espantado com semelhante advertencia que nunca lhe fizera.

— E' que não sei o que tenho, sinto-me mal. Não

sei se foi a historia das bombas se o aspéto deserto das ruas, o que é certo é que me não sinto bem.

— Ora deixa-te de apprehensões — disse-lhe o amigo aparentando um sangue frio ausente.

E' que na verdade a rua quasi deserta pareceu-lhe sinistra apesar da tranquillidade da noite de verão clara e quente, as palavras apreensivas do sargento mais influencia tiveram para amedrontar o seu espirito. Para



se distraír foi chamar o guarda portão do 11, um tal Manoel Gaioso, para a habitual partida de dominó.

— O sargento hoje não está de humor para o jogo, — disse-lhe — mas não importa, jogaremos os dois.

N'esse momento, porém, aparecia á porta da loja o José

Duarte, empregado n'uma cocheira proxima, a quem o Sousa igualmente convidou para a partida.

Antes, porém, de principiarem o jogo, e enquanto os dois parceiros baralhavam as pedras, o mercieiro receoso por não vêr voltar o amigo, abeirou-se da porta e viu que um pouco mais acima, a meio da rua, um numeroso grupo de individuos que se moviam em

torno d'alguem como para o agredir. N'isto soou um grito seguido por estas palavras allitivas: — Ai! que me mataram! Fecha a porta Pereira, fecha que te matam.

Nada mais ouviu o Pereira o qual apenas teve tempo para penetrar no interior da loja e lançar mão do ferro com que corria os taipaes, pois outro grupo surgindo rapidamente do portal do Paulo sapateiro, seu visinho, se achava como por encanto frente ao taipal que ele não tivera tempo para correr completamente, tendo então que defender-se com o ferro, das numerosas bengaladas que os facinoras lhe vibravam ás pernas enquanto ele procurando segurar com a mão livre o taipal que os de fóra intentavam correr de novo. Os companheiros ajudavam-no mas os seus esforços eram vão.

Nesse momento soaram gritos e ouviram-se estas sinistras palavras:

— A tiro, rapazes! A tiro!

A porta empurrada por vinte mãos, correu de todo, soaram algumas detonações, sendo o José Duarte atingido por uma das balas, indo as restantes cravarem-se no tétó do estabelecimento.

Fôra o celebre barbeiro da Ribeira Nova, o Cabeça Falante, quem disparára os tiros, e que precipitadamente se retirava agora seguido pelo bando, para os lados do Corpo Santo, enquanto o outro grupo que agredira o sargento seguia rua acima, em direção á rua Antonio Maria Cardoso.

O Sousa que reconhecera a voz do sargento

quando elle lhe gritára: — Fecha Pereira que te matam! — correu logo em seu auxilio, indo encontral-o deitado de borco ao longo da valeta, gemendo lastimosamente.

Ajudado pelo guarda portão do predio proximo procurava erguer o amigo, quando surgiram junto d'elles como por encanto, dois individuos.

Eram os dois agentes secretos, o Rapoza e o Tava que intervinham.

— Vimos tudo, camarada, d'ali da esquina, d'onde os estavamos espiando, — declarou o Rapoza.

— O pobre diabo tem a cabeça n'um bolo, — observou o Tava.

— Foi quando elle acabava de levantar da valeta, um mendigo que parecia desmaiado, e que apenas se viu de pé desatou a correr como uma lébre pela rua abaixo, que eu vi um dos do grupo, um tal Aguiar que é fiscal do selo, dar-lhe uma tremenda mócada na cabeça, pelas costas; e como o sargento cahisse, logo todos desandaram, julgando-o morto, em direcção á sua loja, — explicou o Rapoza.

— Onde por pouco me não dão cabo do canastro, a mim e ao Duarte — acudiu o mercieiro, limpando o suor que lhe escorria pela frente.

— Mas eu hei de saber o nome de todos esses malandros, tenho quem m'o diga, o Carvalho que namora a pequena ali debaixo — advertiu o Tava.

— Bem sei... Bem sei... Então elle conhece-os?

— Julgo que sim, pois quando os tipos passaram

por ele depois de dispararem contra o senhor, o Carvalho, que puxára pelo revólver e se encostára á parede gritando-lhes: — Quem vem lá? — Um dos do grupo respondeu-lhe: — Amigos. — E avançou para ele seguido por outro camarada, com os quaes trocou um aperto de mão. O formiga então, disse-lhe:

— Não foi nada amigo Carvalho, apenas uns tiros para o ar.

O ferido a quem haviam conseguido erguer, gemia lastimosamente:

— Eu morro!... eu morro!... — mas creíam que eu só acuso da minha morte, esse malvado que ahí está! — E apontava um novo personagem que se aproximara, o Paulo Oliveira, sapateiro, o qual ouvindo tal acusação contestou colerico:

— Então você, atreve-se a acusar-me d'um crime que outros cometeram, quando eu só agora sahi da minha escada para vir em seu auxilio?

— Não foi você quem me deu as cacetadas, bem o sei, mas sim você quem as mandou dar, pois da sua porta é que sahiram os bandidos que me mataram. Foi você e o Constant galego quem tudo preparou. Tenho a certeza, juro-o.

— Esse vi-o eu entre os do grupo, — advertiu o Rapoza — o homem tem razão. Quando nós os vimos sahir ali da rua do Ferregial, da Associação dos Atiradores onde se haviam reunido os patifes já esse malandro vinha com eles.

O sapateiro ao ouvir as palavras do Rapoza reti-

rára-se prudentemente, resmungando imprecações por entre os dentes.

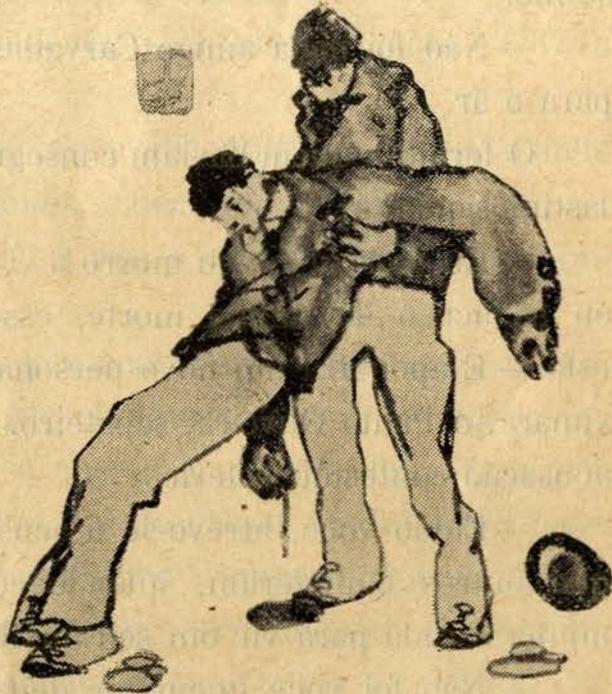
— O' senhor Sousa olhe que é melhor retirar-se para casa, pois os formigas são capazes de ainda voltarem para o liquidar, nós e aqui este rapaz vamos leval-o a casa e chamar um medico a vêr se o podemos salvar.

Levantaram o ferido carinhosamente, o qual amparado pelos tres lá foi caminhando até ao Caes do Sodré, onde residia em casa d'um seu compadre chamado Serafim.

O medico trazido pelo Tava meia hora mais tarde, declarou logo que

o ferimento era mortal e que só por milagre escaparia. Tinha o craneo fracturado e perdera muito sangue. Já não podia falar, olhar sanguinolento e a boca dolorosamente contraída.

Conduzido n'um automovel para o hospital da Estrela cerca das 9 e meia da noite, falecia pela madrugada sem ter podido pronunciar uma só palavra.



Soavam as duas da tarde do seguinte dia ao da morte do sargento, quando o Rapoza penetrando no meu gabinete de trabalho me punha ao facto do que acabo de narrar ácerca do assassinato do infeliz Sousa.

— Ahi tem V. Ex.^a, os nomes d'alguns dos principais individuos que cometeram o crime. Veja.

Então, desenrolei o papel que o meu agente me entregava, e li:

Chefes dos grupos :

João Borges, das bombas — Ferraz das barbinhas — Capitão Amaral — Graça Balobo — O Marques da tabacaria e o irmão, que é caixeiro de praça — Aguiar, alfaiate — Garcia, alfaiate — Alberto Correia, (da policia) — Martins, guarda n.º 857 — Martins, barbeiro, que foi quem deu os tiros, e alguns guardas fiscaís, que trajavam á paisana.

A maior parte d'estes individuos, assim como os restantes que os acompanhavam para cima de 50, traziam em volta do braço esquerdo o distintivo da for-

*o pal
off da
policia*

miga — uma fita larga de 3 centímetros, preta, encarnada e verde.

— Obrigado, amigo Raposa, e aqui tem para um jantar no Zé dos Pacatos — disse-lhe eu — entregando-lhe dez mil réis.

O Zé dos Pacatos era para o meu agente o paraizo terreal, o *non plus ultra* dos retiros e onde ele aos domingos se ia emborrachar pontualmente em companhia da amiga — uma corista do Apolo — e do seu inseparavel José Tava.

— Muito obrigado, senhor doutor, mas eu tenho ainda alguma cousa de muito importante a comunicar-lhe — ajuntou ele guardando a nota.

— Então o que é? — interroguei.

(Continúa)

O NOSSO EDITOR

Á seu pedido deixou de ser editor da nossa publicação o Sr. João Rocha Junior.

A TIPOGRAFIA

O seu proprietario nada tem, com a propriedade d'este folheto, apenas fazendo-nos o favor de receber a correspondencia a que damos o devido destino

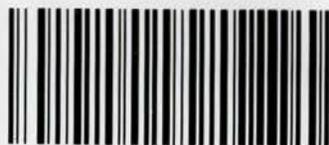
A administração

A VISO

No proximo numero: continuação do assassinato do 1.º sargento Pereira, da Rua Victor Cordon, e começo do celebre complot da Praia das Maças.



A seguir publicaremos a morte do major Correia, os casos do general Jayme de Castro, Motta Capitão d'Evora, do assalto e roubo ao Club da Praça dos Restauradores, do assassinato do guarda da esquadra de S. Sebastião da Pedreira, caso do cemiterio d'Ajuda, incendio do Centro Catolico do Porto, gatumos disfarçados em sargentos do exercito, condução e espancamento de homens de bem, etc., etc.



80216027